

Educação Comunitária Intergeracional: Um Ecossistema Solidário de Desenvolvimento Humano e de Envelhecimento Ativo

Bravo Nico & Lurdes Pratas Nico

*Universidade de Évora
Centro de Investigação em Educação e Psicologia
Universidade Popular Túlio Espanca*

Introdução

A Educação Comunitária Intergeracional, de base popular e concretizada em contextos não formais, tem vindo a ser promovida, há mais de duas décadas, no âmbito das experiências da Escola Comunitária de São Miguel de Machede (desde 1998) e da rede da Universidade Popular Túlio Espanca da Universidade de Évora/UPTE/UE (desde 2009).

A Escola Comunitária de São Miguel de Machede, integrada numa instituição da sociedade civil (SUÃO-Associação de Desenvolvimento Comunitário), é um projeto de educação não formal localizado numa pequena comunidade (freguesia de São Miguel de Machede/Évora) e dirigido a toda a população.

A UPTE/UE é uma unidade científica e pedagógica da Universidade de Évora e, desde 2009, tem vindo a instituir uma rede regional de educação não formal, através da criação de polos no território. Atualmente, integram a UPTE/UE, os seguintes polos: Alandroal, Barrancos, Canaviais, Évora/Centro Histórico, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, São Miguel de Machede (através da Escola Comunitária) e Viana do Alentejo.

Na rede da UPTE participam, atualmente, mais de um milhar de pessoas, em diversas atividades e projetos educativos que são desenhados, organizados e concretizados por uma rede de parceiros que, para lá da Universidade de Évora, é constituída por câmaras municipais, juntas de freguesia e instituições da sociedade civil. A cooperação institucional e a partilha de ideias, projetos e recursos é uma das bases do projeto.

A UPTE/UE conta, ainda, desde a sua fundação, com a parceria ativa de um grupo regional de comunicação social, o grupo Diário do SUL, através da mobilização das suas plataformas de comunicação, na imprensa, na rádio e na web.

É neste contexto científico, pedagógico e de cooperação institucional em que a Escola Comunitária de São Miguel de Machede e a UPTE/UE se inscrevem, que se tem vindo a construir um modelo de educação comunitária e popular que se assume como um instrumento promotor de desenvolvimento humano e, concomitantemente, de envelhecimento ativo, solidário, inclusivo, produtivo e feliz.

1 - Intergeracionalidade: O Centro da Educação Comunitária

A educação comunitária é, por definição, um processo social que ocorre, vive e se alimenta das relações humanas construídas e desenvolvidas nos contextos sociais próprios das comunidades humanas. Assumindo a vida das pessoas e das suas instituições,

como a circunstância em que se geram os processos de aprendizagem (no que se refere às respectivas finalidades a concretizar, saberes a mobilizar, estratégias a construir, meios a mobilizar, parcerias a envolver e socialização a privilegiar), **a educação comunitária promove, sempre, o encontro das pessoas, em torno de processos educativos que, sendo comuns, necessitam da sua participação e envolvimento para serem bem sucedidos.**

Por outro lado, a educação comunitária não se destina a um público específico. Muito pelo contrário, os contextos educativos são desenhados e concretizados com o objetivo de, neles, todos poderem participar, independentemente das suas idades, níveis de escolarização, origens sociais, culturais ou profissionais, género ou qualquer outro atributo diferenciador. **Em educação comunitária, constroem-se contextos e processos de aprendizagem que acolhem todas as pessoas, assumindo a diversidade humana e social como o, rico e desafiador, ponto de partida dos processos educativos.**

É neste entendimento que a intergeracionalidade é assumida como uma variável incontornável de uma didática comunitária que promova a inclusão, o diálogo, a cooperação e a construção de processos intergeracionais de aprendizagem. **Uma didática comunitária que promove um desenvolvimento humano solidário e partilhado, no qual o processo de envelhecimento é uma das etapas naturais.**

Numa perspetiva complementar à anterior, **a intergeracionalidade possibilita, também, uma rica interação pedagógica: a que permite aos mais novos, o acolhimento da experiência e do legado dos mais velhos e, em sentido contrário, a disponibilização dos saberes e das competências dos mais novos para os mais velhos.** Só através do encontro e do trabalho participado e cooperativo entre todas as pessoas de uma comunidade, é possível esta partilha geracional, concretizada de forma direta, numa relação humana e em contextos humanos e sociais indutores de aprendizagens significativas.

A intergeracionalidade é, assim, um elemento estruturante do modelo pedagógico e didático da Escola Comunitária de São Miguel de Machede, da rede da UPTE/UÉ e dos processos de conceção, construção e concretização de situações de aprendizagem em que participam, ativa e deliberadamente, pessoas de diferentes idades, com a finalidade de, nelas, trabalharem de forma cooperada e participada.

Há, no entanto, um **outro e mais desafiador vértice, na geometria intergeracional do modelo pedagógico e didático da abordagem de educação comunitária em desenvolvimento na Escola Comunitária de São Miguel de Machede e na rede da UPTE: o que decorre da possibilidade de se desenharem, construírem e concretizarem processos de aprendizagem, nos quais, todos participem, em condições de equidade cognitiva.** Tal significa que todos os participantes, independentemente das suas idades, escolaridades, origens sociais, culturais ou profissionais, se encontram na mesma coordenada de partida, face ao objeto da aprendizagem, beneficiando cada um da participação e do contributo de todos os envolvidos. Por outras palavras, **em educação comunitária, o mais interessante desafio consiste numa abordagem em que as aprendizagens assumem o mesmo desafio para qualquer um dos envolvidos** na respetiva concretização, no pressuposto de que estes possuem diferentes circunstâncias, em particular no que à idade e à experiência de vida diz respeito.

Aqui chegados, a este, novo e desafiador, vértice, dos processos de aprendizagem promovidos em contextos de educação comunitária, a dimensão etária tende a esbater-se e a

assumir um registo muito menos relevante daquele que assume numa abordagem mais tradicional, na qual se parte, frequentemente, das coordenadas cognitivas e experienciais mais próximas de umas ou de outras gerações. **Construir e concretizar aprendizagens que possam gerar um contexto de equidade cognitiva entre diferentes gerações é, pois, um dos mais interessantes e potenciadores exercícios científicos e pedagógicos que, atualmente, se coloca aos que trabalham em educação não formal, de base comunitária e perfil intergeracional.**

2 - Desenvolvimento Humano e Envelhecimento Ativo

Desenvolvimento humano e envelhecimento ativo não são realidades que se excluam ou que sejam incompatíveis, uma vez que a dinâmica de desenvolvimento humano ocorre ao longo de toda a vida das pessoas e integra, de forma natural, o processo de envelhecimento. O envelhecimento ativo – entendido como um processo de “otimização de oportunidades de saúde, participação e segurança visando melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem” (World Health Organization, 2002, citado por Oscar, 2012, p.37) –, é uma das dimensões de uma dinâmica vital que provoca mudanças significativas em áreas importantes da vida de cada pessoa: fisiológica, cognitiva, psicológica e social. No entanto e apesar destas importantes alterações, que promovem mudanças diferenciadas em cada pessoa, **os processos de aprendizagem continuam sempre possíveis de serem assumidos e concretizados por aqueles que, envelhecendo, não se demitem de se desenvolver humanamente.** Na realidade e de acordo com o conhecimento que atualmente existe, se há dimensão que pode e deve acompanhar o processo de envelhecimento ativo – no sentido de lhe conferir qualidade – é, precisamente, a dimensão educativa.

Aprender, em contextos comunitários, através da participação em projetos e atividades de educação intergeracionais, que comportem desafios possíveis, conduzam a aprendizagens significativas para os projetos de vida de cada um e promovam momentos de interação social, é um exercício de desenvolvimento humano, de sentido positivo, que ocorre em todas as idades e circunstâncias da vida das pessoas. A aprendizagem, nestes contextos ricos de dinâmicas coletivas e individuais, é um processo que desagua, sempre, num processo de crescimento de todos os intervenientes. O que significa que **a participação ativa em processos educativos de natureza comunitária conduz sempre a um processo de desenvolvimento, mesmo que este se verifique em pessoas com uma idade em que seja natural existir, concomitantemente, uma dinâmica de envelhecimento**, que se quer ativa e saudável. Aprender, enquanto se envelhece, é um processo de desenvolvimento humano, de sentido positivo e de crescimento pessoal. Exatamente o mesmo que acontece quando se aprende e ainda não ocorre envelhecimento.

A participação em contextos de educação, particularmente de perfil comunitário, possibilita o desenvolvimento humano e o crescimento de todos os intervenientes, independentemente das suas idades e de, eventuais e concomitantes, dinâmicas de envelhecimento. **A existência, simultânea, de processos de crescimento e de dinâmicas de envelhecimento ativo é uma consequência da participação em atividades e projetos de educação comunitária**, onde se consideram e enquadram estas duas variáveis, no sentido de a equação vital

resultante produzir um resultado que traduza uma maior qualidade de vida das pessoas que se envolvem e participam nestes projetos educativos.

A realidade anteriormente descrita ganha uma dimensão mais estruturante e evidente, quando, nos contextos de aprendizagem construídos e concretizados em Educação Comunitária, se assume a intergeracionalidade como um pilar fundamental e se aposta na equidade cognitiva como uma variável promotora de uma participação mais ativa, inclusiva e mais potenciadora de um diálogo intergeracional mais desligado das circunstâncias etárias, académicas e experienciais de cada um.

Quando se desenha e concretiza um contexto de educação, no qual o objeto de aprendizagem se encontra numa coordenada equivalente para todos os participantes, independentemente das suas circunstâncias etárias, académicas ou experienciais, o processo de aprendizagem que se desenvolve convoca para uma participação e para um trabalho de cooperação inclusiva e solidária, nos quais todos se encontram no mesmo ponto de partida e para os quais todos podem contribuir, de forma igual, com os seus recursos individuais (que são, por natureza, diferenciados). Esta é uma **dimensão extraordinária da Educação Comunitária de base intergeracional: todos podem desenvolver-se e crescer, independentemente das suas singularidades etárias, académicas ou experienciais.**

3 - Um Contributo de Vygotsky

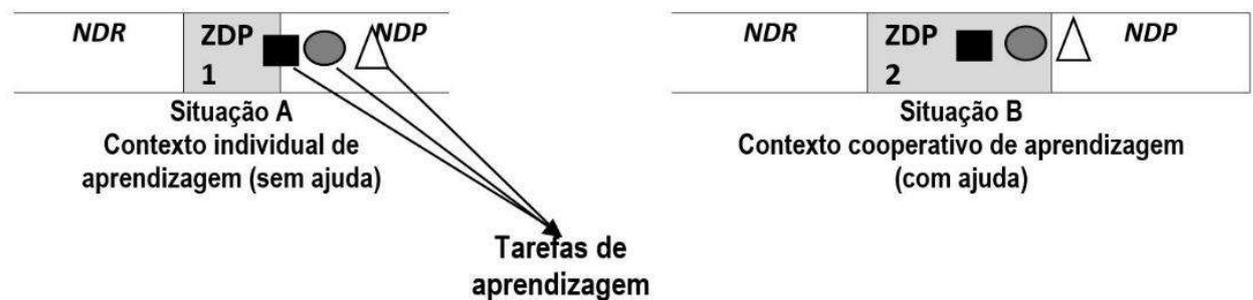
De acordo com Nico (2017), as aprendizagens concretizadas em contextos de educação comunitária deverão localizar-se, preferencialmente, no limite superior da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) definida por Vygotsky (2001, 2003). Este ponto de partida define, no início do desenvolvimento da aprendizagem, um grau de dificuldade elevado, mas não tanto que determine uma representação de impossibilidade na realização da aprendizagem em causa, pelos participantes.

A representação do grau de dificuldade, que cada pessoa elabora acerca de determinada aprendizagem, depende de vários fatores, nomeadamente:

- i) Da clara definição do que é suposto aprender-se, da definição consciente e objetiva das diferentes alternativas para concretizar esse processo e de uma previsão do tempo a dedicar ao mesmo. **Uma maior clareza nos objeto, método e tempo da aprendizagem baixa a representação de dificuldade;**
- ii) Da possibilidade de contar com a disponibilidade e ajuda de pessoas mais competentes e/ou experientes nas aprendizagens consideradas. **A certeza da existência de um ambiente cooperativo de aprendizagem baixa a representação da dificuldade desta;**
- iii) Da avaliação relativa ao papel e instrumentalidade dos resultados da aprendizagem na consecução dos projetos de vida. **Uma aprendizagem instrumental diminui a representação de dificuldade,** por aumentar a motivação intrínseca;
- iv) Da avaliação relativa à possibilidade de realizar as tarefas integrantes do processo de aprendizagem e de ter os meios para tal. **Uma aprendizagem, fisicamente mais próxima (mesmo que com recurso à tecnologia), mais barata e mais inserida no quotidiano baixa a representação de dificuldade.**

Dos quatro pressupostos anteriores, decorre a constatação de que a ZDP é uma realidade muito relativa para cada pessoa, dependendo da qualidade do contexto educativo que lhe for proporcionado. O grau de possibilidade de concretização das tarefas de aprendizagem (em qualquer contexto de educação) depende, num primeiro momento, do nível de preparação técnica e didática e do clima relacional do contexto em que vai ocorrer. Daqui resulta a necessidade de os projetos de educação comunitária exigirem, nos seus processos de desenho, concretização e avaliação, grande competência científica e técnica, por parte de quem os coordena.

O desafio possível para cada pessoa, no que respeita às aprendizagens em que participa, depende do enquadramento didático em que as mesmas decorrem. Esta é uma realidade que determinará a possibilidade de convidar as pessoas a envolverem-se na concretização de aprendizagens mais exigentes e para lá do limite da sua ZDP. O que é, naturalmente, uma condição necessária para promover o seu desenvolvimento pessoal. Recorrendo-se a Vygotsky e aos seus conceitos de *Zona de Desenvolvimento Proximal* (ZDP) e *Níveis de Desenvolvimento Real* (NDR) e de *Desenvolvimento Potencial* (NDP) (Vygotsky, 2003, p.112-113), a figura n.º 1 tenta traduzir o que se passa num processo participado de aprendizagem, onde ocorre uma interação social deliberada e no sentido de estabelecer um trabalho cooperativo.



Fonte: Nico (2017, p.66)

Figura n.º 1 – O contexto cooperativo de aprendizagem

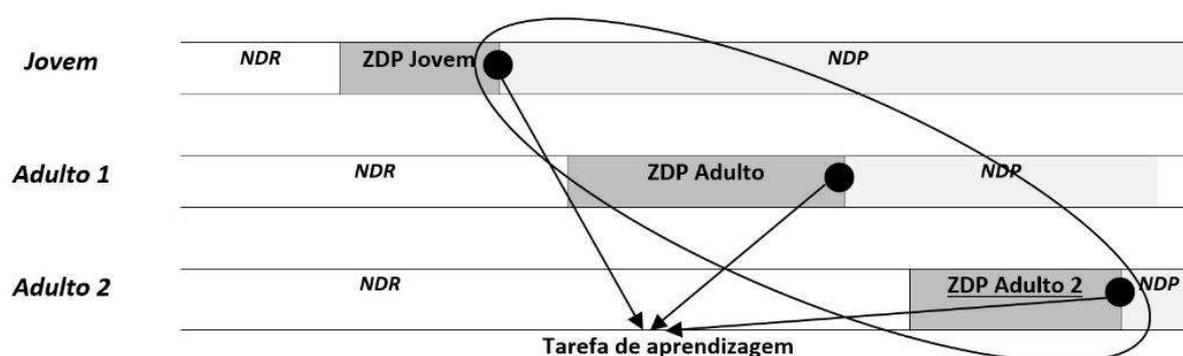
Como se pode induzir da figura anterior, **a existência de contextos cooperativos de aprendizagem permite alterar representação de dificuldade (diminuindo-a) na execução das respetivas tarefas.** Esta mudança de representação altera a coordenada da ZDP e tal implica um, conseqüente e relativo, movimento das coordenadas das tarefas de aprendizagem. Assim sendo, **em contextos cooperativos de aprendizagem** (os privilegiados em projetos de Educação Comunitária), **as aprendizagens difíceis tornam-se mais fáceis e as impossíveis transformam-se em possíveis.**

Como anteriormente se referiu, os contextos de aprendizagem **devem ser participados por todas as pessoas** – de todas as idades, origens sociais e culturais, níveis de escolaridade, circunstâncias profissionais e de todas as orientações políticas, religiosas, sexuais ou outras – que residam ou possuam qualquer relação funcional com a comunidade e território onde aquela se localiza. Este é um ponto de partida incontornável: **a educação comunitária conta com todos.**

Os processos educativos promovidos em educação comunitária não só consideram aquele, complexo e sistémico, universo de pessoas, como o convoca para a definição e concretização das aprendizagens, na certeza de que **as diferenças existentes, nas diferentes dimensões consideradas, aumentam o grau de exigência e dificuldade na preparação técnica dos contextos de educação.** Esta exigência é determinada pelo perigo da existência de processos discriminatórios ou promotores de desigualdade e iniquidade cognitiva, aquando da participação simultânea em tarefas de aprendizagem marcadas por grande heterogeneidade de perfis pessoais, a nível etário, experiencial, académico, cultural, entre outros. Mas, **é nesta dificuldade e exigência (que decorrem da heterogeneidade pessoal e institucional), que radica a essência da Educação Comunitária.** É nestes desafios que se podem construir as «pontes» a que se referem alguns dos teóricos pioneiros da Educação Comunitária (Fred Totten, Frank Manley & Harold Drummond, referidos por S. Fernandes, 1978, p.5).

Na realidade, **em Educação Comunitária promovem-se processos educativos nos quais pessoas diferentes se envolvem, concomitante e em cooperação, nas mesmas tarefas de aprendizagem, em planos equivalentes de participação, mas distintos no que respeita à utilização e instrumentalidade dos resultados desse processo.**

Recorrendo-se, novamente, a Vygotsky (2003, p.112-113), a figura n.º 2 tenta demonstrar o que se passa durante a concretização de uma aprendizagem em situação de equidade cognitiva, num contexto de educação comunitária e intergeracional.



Fonte: Nico (2017, p.67)

Figura n.º 2 – Aprendizagem comunitária intergeracional e com equidade cognitiva

Como se pode depreender da figura anterior, é possível desenhar processos educativos que envolvam aprendizagens que sejam participadas, em simultâneo e em plano de equivalente desafio e grau de dificuldade, por pessoas com diferentes características. Estes serão, provavelmente, **os mais complexos contextos educativos, mas, simultaneamente, os que maior potencial educativo encerram**, uma vez que, neles, se podem mobilizar todos os diferentes saberes e experiências vitais, aproveitando o que de melhor e mais útil tem cada um desses contributos para a boa concretização das aprendizagens em causa. Complementarmente, estes exigentes contextos educativos poderão resultar em aprendizagens com forte dimensão solidária se, neles, ocorrer e se materializar uma solidariedade ativa edificadora de uma capacidade coletiva que aumente as capacidades individuais, valorizando a dimensão distintiva e singular do contributo de cada participante.

A concretização de aprendizagens com este perfil, não só **respeita e valoriza as diferenças, favorecendo o estabelecimento de laços sociais e o espírito da comunidade**, como possibilita que todos possam concretizar em dinâmicas individuais de desenvolvimento humano e de crescimento pessoal, de sentido positivo, independentemente das respetivas idades, escolaridades ou experiências vitais.

4 - Conclusão

A experiência da Universidade de Évora na área da Educação Comunitária é recente, apesar dos vinte e dois anos do projeto da Escola Comunitária de São Miguel de Machede e dos dez anos de atividade da Universidade Popular Túlio Espanca. No entanto, neste período, têm-se vindo a edificar um pensamento e uma prática que, dialogando e enriquecendo-se mutuamente, têm vindo a possibilitar a estruturação de uma **abordagem da Educação Comunitária que assenta na sua base intergeracional e na sua dimensão popular, concretizada através de contextos de educação não formal inclusivos cooperativos e solidários**.

No âmbito desta abordagem de Educação Comunitária, **o Direito à Educação é encarado (e praticado) com uma dimensão vital e os processos educativos são desenhados e concretizados para provocarem o máximo efeito indutor de desenvolvimento humano e de crescimento pessoal**, em todos os participantes, independentemente das suas circunstâncias pessoais, etárias, académicas, sociais, culturais, profissionais ou experienciais.

Entendemos que **todos temos direito a uma Educação de qualidade e todos aprendemos para nos desenvolvermos e crescermos, como pessoas**. É esta a essência da Educação.

Referências Bibliográficas

- Fernandes, Sousa (1978). A preparação humana dos Directores e Animadores da Escola Comunitária. Boletim da Associação das Escolas Comunitárias, (2). p.5.
- Nico, Bravo (2017). Relatório da unidade curricular de Educação Comunitária (documento integrante das Provas de Agregação em Ciências da Educação). Évora: Universidade de Évora
- Ribeiro, Oscar (2012). Envelhecimento “ativo” e os constrangimentos da sua definição. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Número temático: envelhecimento demográfico. pp. 33-52

Vygotsky, Lev (2001). *A Construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Edição.

Vygotsky, Lev (2003). *A formação social da mente*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Edição.